

FERNANDA YOUNG, FOGEME AO CONTROLE, de Susanna Lira: Ganhador do Prêmio da Crítica no Festival de Paraty, este ensaio documental passou pelo É Tudo Verdade com um turbilhão de colagens, seja de desenhos, fotos, trechos de performances, entrevistas e seriados de TV. Essa mistura traduz o espírito cri-cri da romancista, poeta e apresentadora morta em 2019, aos 49 anos, em decorrência de uma crise de asma. FY dizia que “reclamação é uma forma de otimismo”. Com engenho, Susanna fala uma autora que fazia do verbo “irritar” seu aríete.

MOTEL DESTINO, de Karim Aïnouz: Único concorrente latino à Palma de Ouro de Cannes, o thriller erótico do diretor de “Madame Satã” (2002) devolveu ao país a coragem de filmar o sexo com gozo, sem o cinto de castidade da correção política e sem a camisinha da sociologia, comprovando o quanto Fábio Assunção é um ator de talento GG. Ele esbanja vigor ao interpretar Elias, o dono da hospedaria Destino, cuja gerente (e amante), vivida pela inspirada Nataly Rocha, vai ter um caso com um assassino fugitivo (Iago Xavier).

O AUTO DA COMPADECI-DA 2, de Flávia Lacerda e Guel Arraes: João Grilo e Chicó voltaram, 25 anos depois do fenômeno pop da TV, depois transformado em filme, para explorar a mitologia (de perfume marxista) de Taperoá, terra imaginada pelo dramaturgo Ariano Suassuna (1927-2014) como um microcosmo do Brasil. A fotografia de Gustavo Hadba, que hoje vive uma fase de apogeu criativo em seu trânsito pela luz, redefine as convenções audiovisuais do Nordeste. Agora, a pacata rotina de Chicó (um Selton Mello à moda Oscarito) é sacudida pelo retorno do muito sumido João Grilo (Matheus Nachtergaele, num assombro de atuação). O herói pícaro retorna em meio a uma campanha política envolvendo um coronel (Humberto Martins) e um radialista



Motel Destino



Stella do Patrocínio e a Gênese da Poesia



Mallandro - O Errado que deu Certo



Fernanda Young - Foge-me ao Controle

(Eduardo Sterblitch), que reflete a polarização do país.

STELLA DO PATROCÍNIO E A GÊNESE DA POESIA, de Milena Manfredini: Numa mistura de videoarte, .doc e ficção,



O Dia Em Que Te Conheci



Malu

a diretora relembra os feitos da poeta que foi detida em instituição psiquiátrica (Colônia Juliano Moreira) sob a alegação de esquizofrenia e lá desenvolveu o “fale-tório” como arte.

A FILHA DO PALHAÇO, de Pedro Diógenes: Um exercício felliniano do cinema cearense menos preocupado com o lirismo e mais atento aos quebra-molas nas estradas (da vida) por onde os circos passam - que sejam os circos de um artista só. No enredo, Joana (Lis Sutter), adolescente de 14 anos, vai passar uma semana com o pai, Renato (Demick Lopes, brilhante em cena). Ele é um humorista que apresenta shows em churrascarias, bares e casas noturnas de Fortaleza, interpretando Silvanelly, mistura de cantora e clown, com Almo-

dóvar nas veias. Apesar de mal se conhecerem, pai e filha terão que conviver, o que transforma a vida dos dois.

MALLANDRO, O ERRADO QUE DEU CERTO, de Marco Antonio de Carvalho: Ser capaz de fazer Glu-Glu e Yeah-Yeah com Sérgio Mallandro não é faro-fafá, não, mas esta produção de Gláucia Camargos - a melhor comédia do ano, disparada - conseguiu, graças ao bom roteiro de Sylvio Gonçalves, Ulisses Mattos e Pedro Antonio, com participação de seu protagonista. O príncipe de “Lua de Cristal” (1990) desfila sua picardia numa hilária desconstrução de sua persona, em que perde a habilidade de dizer bordões e precisa se reinventar, com Xuxa de fada madrinha.

Fotos/Divulgação

MALU, de Pedro Freire: O ganhador do troféu Redentor de Melhor Filme do Festival do Rio (em empate com “Baby”) tem sido um ímã de lágrimas (e de aplausos) desde sua estreia mundial, em Sundance. No afiado roteiro, Malu (Yara de Novaes), uma atriz de passado glorioso, vive presa num caos sentimental. A relação nada leve com sua mãe conservadora, Dona Lili (Juliana Carneiro da Cunha), e sua filha adulta, Joana (Carol Duarte), torna sua crise ainda mais aguda. Um amigo, Tibira (Átila Bee), que mora com ela, tenta se equilibrar em meio ao caos que se instaura naquela casa repleta de mágoas. A fotografia (belíssima) é de Mauro Pinheiro Jr.

O DIA QUE TE CONHECI, de André Novais Oliveira: Distante da estética de invenção que deu fama a seu diretor em “Quintal”, essa RomCom (comédia romântica) mineira devassa clichês do gênero ao incorporar fracassos (profissionais, existenciais) e comprimidos em sua dramaturgia com ecos de Hong Sangsoo. Num misto de humor, angústia e romantismo, André narra um pedacinho da vida atribulada de Zeca (Renato Novaes), um bibliotecário que luta para manter o trabalho e a paz, numa jornada que será coroada por um encontro com Luísa (Grace Passô). O filme ganhou o Prêmio do Júri do Festival do Rio de 2023.

ESTRANHO CAMINHO, de Guto Parente: Um dos responsáveis pelo marco do cinema de invenção dos anos 2000 “Estrada Para Ythaca”, o diretor cearense teve a carreira catapultada ao Olimpo da consagração mundial ao conquistar quatro prêmios no Festival de Tribeca, em Nova York, com esta história fantasmagórica sobre paternidade. Nela, uma conjugação afetiva começa a ser esboçada entre um cineasta, David (Lucas Limeira, numa composição doce), e o pai que há tempo não via, Geraldo (Carlos Francisco), cuja estranheza enobre mistérios.